

Eleições sem surpresas na economia

O País evoluiu para uma situação de maturidade em relação a fatos políticos

VALÉRIA SERPA LEITE
SÃO PAULO

Na avaliação de Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central, o momento diferente vivido hoje pelo Brasil em relação a 2002 não deverá trazer surpresas à economia por conta das eleições. Ele destacou que o País vive agora um momento de maturidade em relação a fatos políticos.

“Não existe mais aquele efeito incerteza, que na época era representado pelo PT, porque não se sabia que tipo de política econômica estaria associada a uma vitória do candidato Lula”, disse Franco em entrevista concedida ontem, depois de participar do 9º seminário Perspectivas da Economia Brasileira, promovido pela Tendências Consultoria.

Para Franco, Lula (possível candidato) e o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin (candidato do PSDB à presidência), têm políticas econômicas previsíveis: “O presidente Lula porque está praticando essa política e o ex-governador Alckmin por pertencer a um partido que antes esteve na Presidência da República e praticou uma política macroeconômica responsável”.

Uma prova da diferença do comportamento do mercado em relação a 2002 - qualificada por Franco como brutal - é o efeito limitado da substituição do ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci, que era bem agradado pelos analistas.

Conforme Gustavo Loyola, também ex-presidente do BC, os agentes econômicos deverão cobrar do próximo governo, qualquer que seja, uma postura mais incisiva em relação aos gastos públicos.



Gustavo Franco

“Nós não conseguimos fazer uma virada na área fiscal como deveria ser. Existe uma pressão permanente de aumento de gastos via Previdência Social. Por outro lado, o governo adotou algumas medidas preocupantes”, disse Loyola, citando o reajuste do salário mínimo acima da inflação (com repercuções na Previdência) e o au-

mento dos gastos correntes com a operação tapa-buraco.

Para ele, os agentes econômicos vão cobrar essa postura do próximo governo seja com uma nova rodada de Reforma da Previdência, seja pela adoção de uma meta fiscal de longo prazo. “Algo do gênero tem que vir porque, embora o Brasil tenha conseguido superávits primários razoáveis nos últimos anos, há aquele incômodo estrutural representado pelo crescimento da despesa na mesma proporção do Produto Interno Bruto”, disse.

Já o diretor de Política Monetária do Banco Central, Afonso Beviláqua, previu que este será um ano de inflação baixa e crescimento alto.

A taxa de câmbio nominal vem exercendo a função que

queríamos: de funcionar como um mecanismo de absorção de choques”, afirmou. Segundo Beviláqua, a taxa real de câmbio do Brasil mostra comportamento semelhante ao de outras economias em que as exportações de commodities têm grande peso.



Gustavo Loyola

Com um olhar para o exterior, Edmar Bacha, ex-presidente do BNDES, alertou, no

mesmo evento, que um dos principais problemas da economia mundial atualmente é o déficit zero americano: “A prosseguir o desequilíbrio, teremos um problema de extraordinária proporção a ser resolvido”.